

## IV. A CRENÇA, ÚNICO OBJETO DE DESEJO<sup>1</sup>

GABRIEL TARDE<sup>2</sup>

TRADUZIDO POR RODRIGO PÁDUA CHAVES<sup>3</sup> E THIAGO NOVAES<sup>4</sup>

O mais simples do mundo, ao observar que a certeza, a crença máxima, é sempre objeto do desejo, e não o desejo, forte ou fraco, sempre o objeto da crença, e que o desejo, por conseguinte, em virtude de sua própria natureza, atesta assim a preeminência da crença. Nós temos a princípio a prova indireta no fato que o desejo máximo, positivo ou negativo, aquele que se junta a uma impressão atual, é algo muito raro, enquanto nossa vida desperta é continuamente, sem interrupção, repleta de certezas praticamente infinitas, certezas táteis, visuais, acústicas etc., positivas, e também de certezas negativas que estão implicadas

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente sob o título "La Croyance et le Désir et la Probabilité de leur Mesure". *Revue Philosophique*, Paris, Août et Septembre, 1880. Reimpresso sob o título: *La Croyance et le Désir*, in *Essais et Mélanges Sociologiques*. Paris: A. Maloine, Editeur, 1895, pp. 227 - 235.

<sup>2</sup> Gabriel Tarde é filósofo e sociólogo (1843 – 1904). Travou com Émile Durkheim calorosos debates sobre os fundamentos da Sociologia durante seu estabelecimento como disciplina no fim dos anos de 1800. Em 1999, a obra de Tarde foi retomada em debates acadêmicos na França e é referência na coleção *Les Empêcheurs de la Pensée en Rond*. Influência decisiva para Gilles Deleuze e, mais recentemente, Bruno Latour, Tarde permanece ainda um autor pouco conhecido e traduzido entre as Ciências Humanas embora possua toda sua obra publicada e disponível gratuitamente na Internet: [http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde\\_gabriel/tarde\\_gabriel.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde_gabriel/tarde_gabriel.html)

<sup>3</sup> Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

<sup>4</sup> Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

em todo ato de discernimento. E eu não me refiro às certezas superiores, quase tão vigorosas, que o estudo das ciências forma e consolida em nós. Se o desejo praticamente infinito fosse também contínuo, nossa existência não seria mais do que uma sucessão de transportes inefáveis ou de dores atrozes. Isto porque a fé serve frequentemente a guiar o desejo; mas ela tem também outros empregos, e ela não serve quase nunca para aumentar, enquanto o desejo aumenta incessantemente a soma da fé. O homem precisa de paixões, é certo, mas porque tanta balbúrdia senão para amadurecer os frutos do espírito, aquelas conclusões finais onde se exaure uma longa vida de agitações? Isto também se aplica aos povos.

Século após século, as informações certas se acumulam, juntam-se aos dados dos sentidos, que vão elas mesmas se multiplicando pela diversidade crescente da vida. Mas as paixões, felizmente, estão longe de crescerem paralelamente; e, se a civilização multiplica as necessidades, ela não faz mais do que repartir entre eles uma corrente de desejo ou igual ou menor. Os trabalhos gigantescos de construções ou de estradas de ferro concluídas por nossos contemporâneos não testemunham tanto um transbordamento de ambições ou de ganâncias superexcitadas momentaneamente, ou antes, concentradas e coordenadas em alguns pontos do globo, mas sim uma intensidade de fé inaudita na exatidão de teoremas abstratos, leis, cálculos algébricos dos quais são a expressão material, e, de outro ponto de vista não menos tocante, de uma energia de confiança extraordinária da parte dos acionistas que empenharam seus recursos nestes empreendimentos e dos viajantes que se entregam sem medo à assustadora força cega de um trem expresso. A extensão crescente do crédito público sob suas mil formas, contratos, letras de câmbio, cheques, empréstimos de Estado, de estados, de municípios, é o traço característico de uma nação em vias de progresso. Mas não se trata de crédito apenas, é de um credo nacional incontestado ou de credos individuais respeitados que os povos têm necessidade. Um povo onde reinasse a segurança mais completa, o crédito o mais ilimitado, a ciência a

mais disseminada e a mais completa trabalharia ainda por necessidade, mas provaria poucas paixões, poucas ambições, além daquela de conservar sua felicidade, precisamente porque teria atingido o ápice de todos os desejos. Contabilizem os ódios, as ferocidades, os vícios que a civilização destrói; as ciências e os direitos que ela produz! Ao contrário, indomável e ignorante, em uma inquietude e incerteza contínuas, o selvagem só bota fé nos dados dos seus sentidos e, além disso, a algumas loucas superstições, tão pouco enraizadas em seu espírito apesar do seu vigor de afirmação, que, à voz de um pobre missionário, populações inteiras se convertem em um dia. Aí estão as duas extremidades da história. Mas a verdade que decorre destas considerações indiretas pode ser diretamente demonstrada. O que nós desejamos sempre? Coisas agradáveis, quer dizer enquanto desejáveis? Não, isso seria uma pura tautologia. Mesmo quando nós desejamos um desejo que nós não experimentamos, o verdadeiro objeto do desejo que nós experimentamos é a coisa almejada por outrem. Nós desejamos sempre as coisas enquanto tais, realidades ou realizações. Ora, Stuart Mill já provou, nos parece, que as realidades, e, por conseguinte as realizações exteriores não são e não podem ser para nós mais do que possibilidades de nossas sensações. Por possibilidades, entendam-se certezas condicionais; por sensações, entendam-se esses julgamentos certos, de localização, de causação ou outros, que constituem não apenas o olhar, o ouvir, o apalpar, o cheirar, o degustar, mas ainda o ver, o entender, o tocar, o sentir o odor, o provar puro e simples; e, assim retificada, a tese de Mill se torna irrepreensível. Quanto ao não sei o quê de puramente afetivo que temos grande dificuldade de extrair sobre este monte de julgamentos inconscientes superpostos, isto bem poderia ser o objeto próprio de julgamentos os mais elementares e os mais escondidos, mas não o objeto especial do desejo, que se aplica às nossas sensações todas feitas, tais como elas se apresentam a ele. Não é nunca, eu sei, uma certeza qualquer, indeterminada, que nós procuramos; é sempre aquela certeza particular e não a outra; mas aquela que nós escolhemos é, entre todas as certezas conhecidas por nós e ao nosso alcance, aquela que se

mantém, que está implicada em um grande número de outras, sucessivas ou simultâneas, e que nos representa desta forma a maior quantidade de fé. O bêbado, o jogador, o arruaceiro se instruiriam mais sem dúvida se eles frequentassem os museus e as bibliotecas e não os bares, os cabarés e os lugares mal frequentados. Mas eles se agarram àquele entre todos os estados intensos dos quais dispõem, procuram a satisfação simultânea, a mais completa de todas as fibras de seu ser, o feixe de evidências, o mais forte. O amor por uma bela novidade, para o artista e o poeta, comporta, sem se dar conta, o amor do saber que está em sua alma profunda. Suas invenções são descobertas no real ou no possível; suas fantasias as mais excêntricas explorações científicas do imaginável. Cada uma de suas obras-primas é uma América onde a colônia de imitadores herboriza após eles mesmos. Ao afinar e abrir o coração, ao aperfeiçoar e enriquecer a língua, eles revelam suas profundezas desconhecidas; por eles, estes velhos temas tradicionais, regras prosódicas, regras musicais, tipos de arte consagrados, atestam sua riqueza virtual de variações inesgotáveis. As artes são ciências que criam seu objeto. Se o poeta não se contenta em colecionar documentos humanos, achados psicológicos ou etnológicos, se ele os coordena entre eles e os afina com raridades rítmicas ou filológicas não menos preciosas é em vista de um julgamento de aprovação estética de si ou de outrem, e o mais sincero e o mais forte possível. Eu não pude ver mais, em sua nobre labuta, do que uma grande sede de fé viva. E isto é tão verdadeiro que se vai frequentemente da poesia à ciência, mas jamais se retorna da ciência à poesia, do fruto do espírito à sua flor. Quer dizer que quaisquer das paixões humanas se reduzem no fundo a uma só, à curiosidade no sentido mais amplo do termo?

Sim; e da mesma forma que quaisquer das forças mecânicas, de acordo com os novos físicos, tendem a se desdobrar finalmente em raios de calor e luz, ávidas inutilmente de imensidão, também esta tendência incontestável não impede, esperando o termo final, a conversão frequente e inversa do calor em movimento de massa, – de forma semelhante, quaisquer das nossas

paixões tendem a conhecer, mesmo quando elas colocam obstáculo à extensão de nosso saber. Amor mutante, ambição instável, insaciável avidez, o que é, depois de tudo, o que o atrai do mistério irritante, essas emoções não provadas ou esses aspectos estranhos que alguns pedem às mais altas inspirações do coração ou aos mais altos cumes de riqueza e poder, outros, tais como Spencer, às mais colossais pirâmides de ciência e de conjecturas? É, provavelmente, a razão pela qual a única entre todas nossas paixões, a curiosidade, que as resume, não tem contrário imaginável. O ódio se opõe ao amor; à ambição, à vingança, pode-se opor à humildade e à caridade cristãs etc., mas o que poderia ser a anti-curiosidade, o desejo de nada conhecer? É também impossível conceber que a anti-consciência ou que o *antiespaço*, pois o espaço, precisamente porque ele é constituído por direções antagônicas das quais ele é o combate, não pode lutar como elas. O homem que, para escapar da certeza de suas dores, se lança à morte com a esperança de se anestésiar, não é simplesmente um ignorante, ele nada mais é que esquecimento, ou antes, negação; ele gostaria de poder negar suas dores tão fortemente quanto as afirma, e ele só se resigna à força em contentar-se em esquecê-las. Na nulidade de outro lugar, se realmente este nirvana o atrai, o que ele pode amar, senão a certeza que ele tem nisso e que ele procura tornar mais viva, por uma contradição inconsciente, no instante exato em que ele abdica de sua faculdade de estar certo?

Por que tal certeza é desejada e julgada desejável ao invés daquela outra? Por que a certeza de ser guilhotinado amanhã, toda viva como ela é junto ao condenado, é para ele tão penosa? Por que a certeza de não poder passear, conversar, extravasar, é tão inoportuna ao presidiário e ao enfermo, assim como para o comerciante a certeza de estar falido? Por que a certeza de não poder ouvir, enxergar e tocar os fenômenos interiores da molécula e do átomo, de não poder jamais descer ao centro da terra, nem estudar a fauna e a flora de planetas vizinhos, é tão desencorajante às vezes para o sábio e o filósofo que se

contorcem com horror da *ignorabimus*<sup>5</sup> de du Bois-Reymond como de uma condenação à morte? Porque, ao desejar antes de mais nada a certeza, devemos naturalmente desejar a certeza a mais plena e a mais rica, isto é, aquela que tem como objeto o maior número possível de certezas condicionais, as quais, realizadas, teriam a maior quantidade possível de outras certezas condicionais por objeto, e assim sucessivamente, o todo formando a série mais longa possível de certezas implicadas umas nas outras; ora, o condenado à morte sabe que esta série, para ele, será bruscamente interrompida amanhã, e mesmo que ele dispusesse durante vinte e quatro horas a fortuna de um Crésus e todo o poder de um César, isto não compensaria a brevidade excessiva. O prisioneiro, o doente sem risco de morte não duvidam da diminuição de sua série, mas nela os termos estão extremamente diminuídos; sua vida, comparada àquela do homem livre e com boa saúde, é o equivalente a uma soma de fé potencial muito menor. O comerciante sabe que se perder seu crédito ele perde a probabilidade de benefícios posteriores, conversíveis em alimentos, roupas, em sensações de luxo, que lhe dariam forças e novas aptidões em vista de novos negócios ainda mais frutíferos. O filósofo e o sábio, que se lançam aos limites do conhecimento humano, se espantam e se afligem, como que despertados de um sonho dourado e da esperança encantadora de uma fórmula infinitamente clara, penetrante e compreensiva, perfeitamente demonstrada e que explica absolutamente tudo. Sua aflição revela que eles creiam nisso!

O desejo humano, de fato, não repousa e não repousará jamais senão em uma certeza julgada por ele como possível de se desenvolver em uma série verdadeiramente indefinida de possibilidades de outras certezas. Essas possibilidades são de dois tipos, umas julgadas como minhas e outras como não minhas. Estas são denominadas realidades, coisas; aquelas eu nomeio

---

**5** A expressão latina *ignoramus* e *ignorabimus* significa “ignoramos e ignoraremos” e expressa pessimismo quanto aos limites das ciências. O fisiologista alemão Emil du Bois-Reymond exprimiou esta frase na sua obra *Über die Grenzen des Naturerkennens*, publicada em 1872.

minhas faculdades, meus poderes, minhas esperanças, meus direitos, minhas expectativas, como diz Bentham. A necessidade de certeza máxima se desdobra desta forma em necessidade de verdade e necessidade de segurança. O primeiro não poderia ser plenamente saciado senão por uma ciência completa, infinita, impossível, que atingiria e penetraria a fonte primeira de todas as realidades; ao aguardar, ele se satisfaz como pode, junto à maioria dos homens simples e bons, pela fé em um deus ou em deuses, em seres julgados oniscientes, cuja afirmação pelo crente implica a afirmação de qualquer real e de qualquer possível, em seres todo-poderosos, cuja afirmação pelo crente implica aquela entre todas as transformações do possível em real, do real em possível, e de quaisquer certezas visuais, táteis etc., às quais estas metamorfoses milagrosas dariam lugar. Deus é para o cristão uma enciclopédia inefável, que a ele é assegurado ler um dia, se ele quiser sua salvação. Quanto à segunda necessidade, é insaciável, de outra forma, pela consciência de um poder sem limite e pela garantia de uma vida sem fim. Quão distante nos encontramos deste duplo ideal, não obstante os esforços seculares de nossas sociedades para expandir um pouco a livre atividade e os meios de ação de seus membros e para prolongar a média de vida! Mais simplesmente, – ficticiamente, dir-se-ia, mas por uma ficção durante muito tempo necessária e ainda útil, – a fé na imortalidade da alma tem respondido desde muito tempo a este voto profundo de segurança absoluta.

Não é, portanto, de forma alguma por uma rotina absurda, por um simples apego a banalidades solenes, mas é com precisão que se proclamam estas duas antigas crenças às quais resumem a essência da religião, senão de todas as religiões, a fé em Deus e a fé na imortalidade, como duas grandes condições da paz social e dois fortes fundamentos da ordem social. Aqueles que vivem felizes sem elas as substituíram, e por ilusões parecidas, não obstante sua forma mais positiva. O homem dotado de excelente saúde e de alguma riqueza não está impossibilitado de crer seriamente que ele não morrerá jamais? E ele não extrai desta espécie de segurança vaga e constante de imortalidade o

ar de beatitude que lhe é próprio? O homem dotado de poder ou liberdade incontestável, com uma fortuna bem estabelecida, não nada no éter elisiano? Não está ele perto de crer em ser todo poderoso? E o sábio (dever-se-ia dizer o crente, de tanto que é preciso da força da fé para ter uma ideia de que a terra onde estamos vai mais rápido que uma bala de canhão, que a luz atinge sessenta mil léguas por segundo etc.), o sábio que não admite de forma nenhuma limites à extensão futura da ciência e que, frequentemente mesmo, se ilude com a persuasão de tudo conhecer, não se toma por um deus? Se refletirmos sobre isso, veremos que qualquer virtude apaziguadora da ciência, a facilidade, a saúde, a liberdade, vem desta ilusão surda e permanente que os acompanha. É um grave erro pensar que, sem uma imensa convicção e sem uma imensa esperança, uma nação possa estar em paz. Também, a partir do momento em que começam a diminuir em um povo estas duas místicas certezas, não é exagero referir-se à impossibilidade de apaziguá-lo verdadeiramente sem abrir desta forma todos, em compensação e não sem perigo, os horizontes fugidios da ciência, as perspectivas ilimitadas da ambição e da riqueza.

Parece-me que não vou precisar tirar as conclusões que decorrem das páginas precedentes. Os problemas acima indicados, como que nascidos do defeito de medida comum entre as duas quantidades da alma, devem nos parecer agora resolvidos. Nós não questionamos até que ponto um aumento da crença compensa uma diminuição do desejo ou vice-versa. A medida comum que nos falta nos seria inútil. Os desejos de um homem ou de um povo são tão desejáveis quanto eles tendam a acreditar mais no seu aprovisionamento de fé, seu duplo tesouro de crença propriamente dita e de confiança. É sempre responder, senão ao maior desejo atual, pelo menos ao maior desejo futuro de todos os homens, o fato de consolidar e de difundir sua quantidade de fé. Seu mestre verdadeiro não é aquele que eles amam e que mais lhes agrada, mas sim aquele que lhes instrui e lhes tranquiliza mais; por um lado, portanto, é, nos dias atuais, o grande descobridor, o grande criador de novas ciências; por

outro lado, o grande estadista. O primeiro deve responder à necessidade social ou individual da verdade; o segundo, à necessidade social ou individual de segurança. Este tem a guarda da soma considerável de fé nacional engajada nos nossos diversos direitos. Ele pode fortificá-la e expandi-la, ou abalá-la e estreitá-la. Estreitá-la é como diminuir a visão e atenuar o tato, e tornar assim menos certos, menos precisos, menos numerosos, os julgamentos de localização ou outros próprios a este sentido. Expandi-la, é como colocar o telescópio no olho ou o telefone na orelha. O ministro que assegura como completa a obra do professor que instrui, e a tarefa do primeiro é grande o suficiente para que ele não interfira naquela do segundo. É sob a forma de direitos antigos respeitados o máximo possível, conforme o conselho de Bentham (Tratado de legislação, Lei 261 e seguinte), e de direitos novos lentamente criados, e não sob as espécies de conhecimentos científicos, que tendem a aumentar os antigos legados das certezas populares.

Por que os progressos sociais devem, na medida do possível, serem graduais? Bentham dá uma razão bastante ruim: é que, diz ele, o mal da espera perdida é mais vivo no homem despossuído de um direito adquirido que o prazer da surpresa no usurpador feliz do bem alheio; ao permitir isso, o legislador se daria conta de ter produzido, qualquer adição algébrica feita de prazeres e de dores, um saldo de dores. Isto é claro? O motivo alegado pelos evolucionistas não é melhor. Eles não amam as revoluções, porque sua fórmula de evolução não as admite e que a assimilação das sociedades pelos organismos sofreria com isso. Eles pegam emprestado de Joseph de Maistre o brilhante erro de pensar que uma instituição é necessariamente uma obra anônima e que o cumprimento, mesmo lento e gradual, de um plano sistemático de reconstrução social saído abruptamente de um cérebro individual é um sonho quimérico. É, contudo, suficientemente claro que todas as modificações sociais, pequenas ou grandes, emanam definitivamente de iniciativas individuais, de fragmentos de planos pessoais mais ou menos dilacerados. Em nossa opinião, a verdadeira razão para respeitar as expectativas, para

manter os direitos adquiridos, mesmo perseguindo a execução de um programa individual bastante vasto e muito preciso, é que, por uma grande precipitação de procedimentos, nós iríamos contra o objetivo dos inovadores. Qualquer desejo de inovação tem por objeto um estado social, uma estabilidade de gênero desconhecido, um *corpus juris* inédito. É mais fácil, contudo, destruir a confiança, sem a qual não existe direito possível, do que a reestabelecer. Da mesma forma que é mais fácil excitar os apetites do que os açaimar. Executar, pois, da noite até o amanhecer, um programa radical, tão bonito, tão sedutor quanto seja, é secar a fonte que se quer desviar, a corrente de fé e de crédito dos quais se tem necessidade para o estabelecimento do estado sonhado; é quebrar o copo antes de beber.

Eu não pude entrar no detalhe das consequências sociais que comportariam a dupla tese desenvolvida neste estudo, a saber, a mensurabilidade de direito, e talvez de fato, da crença e do desejo, e a subordinação do desejo à fé. Uma só será suficiente. Se, ao contrário da minha segunda proposição, não se vê na fé mais do que um instrumento do desejo e, por conseguinte, nas crenças populares mais do que um meio de ação, deve-se a todo custo produzir ou manter sua unanimidade, condição primeira de sua eficácia prática. Um erro fixo e geral deve ser preferido a verdades variáveis e particulares. Mas se o saber, se o conjunto das certezas superiores (eu digo superiores, por causa da quantidade de fé potencial que elas detêm), atentas pelo livre desenvolvimento do espírito dissidente, vale por si mesmo e vale mais do que tudo, se a recompensa suprema de nossos longos trabalhos é a aquisição de uma experiência doravante inútil, de um credo pessoal e parcialmente incomunicável, o mais alto interesse de um povo é chegar, se ele pode, na pessoa de cada um de seus membros, à esta flor terminal da vida, e libertar o pensamento de qualquer entrave.